

EDUCAR PARA A VIDA

Rubia Machado de Oliveira^{*}

Juliana Franchi da Silva^{**}

Jerfferson Paim Luquini^{***}

Resumo: Em meio a ação de ensinar e aprender existe condicionantes que moldam e direcionam a construção do nosso conhecimento e um dos grandes desafios da educação é orientar em meio a tantas transformações que cotidianamente interagem condicionando a formação dos sujeitos. Paradoxalmente na dialética da vida, temos que compreender os limites da nossa autoconsciência para descobrirmos quem somos em meio a um turbilhão de outras tantas individualidades forjadas pela relação e interação dos sujeitos. Diante disso nos propomos aqui refletir sobre alguns aspectos referentes a essa dimensão de “educar para a vida”, com o intuito de mostrar que é a partir das suas vivências, de suas experiências, da conscientização das infinitas possibilidades de relações existentes na vida em sociedade que os sujeitos constroem suas próprias definições de mundo.

Palavras-chaves: Educar. Conhecimento. Interação.

Introdução

(...) a beleza, como a verdade, só vale quando recriada pelo sujeito que a conquista. (PIAGET, 1998, p.90)

Um dos grandes desafios da aprendizagem humana reside na difícil tarefa de ensinar ou educar, pois encontramos-nos em uma época de constantes mudanças e a tarefa de orientar se torna cada dia uma tarefa que exige mais consciência e mais conhecimento.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (Hauaiss), educar é *fornecer (a alguém) os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento físico, intelectual e moral*. Também

^{*} Bacharel em Ciências Sociais (UFSM); Pós-graduada em História do Brasil (UFSM), Mestranda em Ciências Sociais (UFSM). E-mail: machado.rubia@gmail.com

^{**} Licenciada em Filosofia (UFSM), Bacharel em Economia (UFSM), Bacharel em Ciências Sociais (UFSM), Espec. em Pensamento Político Brasileiro (UFSM), Espec. em História do Brasil (UFSM), Mestre em Integração Latino-americana (UFSM), Mestre em Ciências Sociais (UFSM), pós-graduada em Gestão Pública (UFSM). Professora da rede pública estadual e tutora no Curso de Graduação em Sociologia EAD (UFSM). E-mail: juliana.franchi@gmail.com

^{***} Licenciado em Filosofia (UFSM). E-mail: jeff.luquini@gmail.com

significa *transmitir saber, ensinar, instruir*, assim como, *buscar atingir alto grau de desenvolvimento, aperfeiçoar-se*. Porém educar envolve aprendizagem e conhecimento. Você se educa ou educa alguém no momento em que é *fornecido* os instrumentos ou *cuidados* necessários para o *aperfeiçoamento e desenvolvimento* intelectual, físico e moral e isso requer que você aprenda alguma coisa.

Em meio a ação de aprender existe condicionantes que moldam e direcionam a construção do nosso conhecimento e são estes processos, muitas vezes imperceptíveis, que precisam ser dialogados, pois se existem contrariedades em torno do conceito, tendo em vista que o sentido da vida difere para cada pessoa, mais desafiador se torna educar para a vida.

Dessa forma nos propomos aqui refletir sobre alguns aspectos referentes a essa dimensão de “educar para a vida” levando em consideração que muitas vezes os professores se debruçam em apenas transmitir um conhecimento engessado/formatado, pois na concepção de muitos, o aluno precisa ter um bom desempenho nos mais variados concursos, e um deles é o vestibular. Assim sendo, sabemos que não vamos conseguir dar conta da vasta discussão em torno da questão, no entanto, nossa intenção é que a partir de alguns autores possamos trazer uma discussão/problematização, mostrando certas sutilezas do que estamos querendo dizer com: educar para a vida.

1 Conhecimento e interação a partir da ação

Piaget definiu a aprendizagem como construção de estruturas de assimilação. Segundo Fernando Becker (2003, p.14) em outras palavras para Piaget “aprende-se porque se age para conseguir algo e, em um segundo momento, para se apropriar dos mecanismos dessa ação primeira”, ou seja, a fonte da aprendizagem é “a ação do sujeito”. Paulo Freire (1970, 1992, 1996) afirma que o processo de libertação só pode ser construído pelos próprios sujeitos. Dessa forma compreendemos que o processo de aprendizagem humana se dá por força da interação entre os meios hereditários e o meio físico e social, que é ativado pelo sujeito da aprendizagem (BECKER, 2003).

Autores como Paulo Freire, Saviani e Arroyo, afirmam que a educação é uma atividade essencialmente humana. Nesse sentido ao abordar sobre a ação educativa Arroyo (1998, p.163) coloca:

Se toda ação formadora se dá em uma relação de pessoa, se nela se expressam homens e mulheres, estes não podem ser vistos como meros pacientes da ação

formadora ou deformadora das tecnologias, da reorganização dos processos de produção e trabalho. As pessoas são sujeitos que se expressam nessa materialidade, que entram nela com suas matrizes culturais, suas histórias pessoais, suas representações e valores, sua subjetividade, sensibilidade, afetividade e emoção, sua condição humana.

Deste modo o conhecimento “resulta da interação” sendo que o conteúdo final do conhecimento é uma invenção e não uma simples cópia. Isso quer dizer que o conhecimento humano adquirido “não é nem puro registro, nem cópia, mas o resultado de uma organização na qual intervém em graus diversos o sistema total dos esquemas de que o sujeito dispõe”, (PIAGET, 1959. p.69).

Para Ingold (2010), o conhecimento é uma “descoberta orientada”, logo podemos dizer que as habilidades desenvolvidas pelos sujeitos são fruto de uma longa prática orientada por praticantes já experientes, que pode ser configurado na figura do professor, das gerações anteriores a do sujeito que está se educando ou construindo conhecimento. Cada sujeito, seguindo as orientações que lhes são apresentadas, construirá uma cognoscibilidade própria, particular.

Isso significa que não é unicamente um processo de transmissão de conhecimento do professor para o aluno, do pai para o filho de alguém para outrem, mas sim de “redescobrimento dirigido”, o sujeito não copia, mas a partir do que ele observa, das construções e reflexões que ele observa, desenvolve sua própria capacidade reflexiva, podendo, porque não, ter condições de fazer associações e reflexões cujo o professor ou o pai, não tenha pensado em fazer, tendo em vista que o mesmo pode ter percorrido outros campos de prática, que possibilite uma inferência mais consistente em relação a um dado fenômeno em que o este ou aquele não tenha experienciado.

Contudo, mesmo sendo sujeitos que constroem singularidades próprias, somos orientados por alguém que conduz o nosso olhar e isso implica que, como aponta Bauman (2010) nossas ações nem sempre sejam conscientes, embora sejamos os únicos responsáveis pelos resultados produzidos por ela. Isso demonstra que a nossa liberdade de ação é limitada e que comumente agimos em função da vontade do outro.

O psicólogo americano George Herbert Mead, oferece um modelo de compreensão para explicar como internalizamos o entendimento de algo que é compartilhado. Segundo ele o que nós representamos, ou quem nós somos é um traço adquirido no processo de vivência ao longo do tempo por meio da interação.

Compreende-se assim que passamos a nos reconhecer por intermédio das nossas relações com os outros. O sociólogo Erving Goffman também nos apresenta algumas

considerações sobre a interação “face a face” e oferece mais subsídios para esse debate. Segundo o autor nem sempre há alguma ligação entre as nossas vontades e desejos, com a ação que praticamos, pois o que a pessoa demonstrara na sua ação, esta atrelada ao valor que ela dará aquela ação. Isso porque tencionamos algo na ação, contudo nem sempre ela resulta no esperado.

Nesse sentido temos formas de interação complexas e transformadoras e com isso fica a questão: como educar para a vida ou o que é educar para a vida dentro de um sistema de interações tão complexa que ao mesmo tempo em que somos seres individuais responsáveis pela ação que produzimos, temos que ter em mente que as nossas ações são influenciadas por outras ações de outros sujeitos.

Além disso, há um contra senso no fato de que somos todos livres e iguais e ao mesmo tempo é necessário que compreendamos o quanto estamos presos e dependentes da economia, da política, do sistema, do outro. Que o igual é diferente e o diferente é igual, mas nem sempre tem igual direito, igual dever, igual liberdade.

Parafraseando Bauman (2008, p.49) “enquanto todas as pessoas são livre e não podem ser outra coisa se não livre – elas são obrigadas a assumir responsabilidade por tudo que fizerem, algumas são mais livre que outras, porque seus horizontes e escolhas de ação são mais amplos, e elas, por outro lado, podem depender da restrição dos horizontes de outros”.

Dessa forma, percebe-se que quando são criados hiatos em nosso conhecimento a respeito do outro ou dos outros que frequentemente são preenchidos com preconceito (BAUMAN, 2008). E em meio a essa complexa relação que da forma a nossa sociedade, nota-se que existe uma fronteira bem tênue entre a vida de um e de outro e que o particular se confunde com o coletivo, pois não há ação que seja por completa livre de condicionamentos embora o sujeito da ação esteja na condição de ser o criador e responsável por aquilo que manifesta através da sua atuação.

Paradoxal essa dialética da vida, onde temos que compreender os limites da nossa autoconsciência para descobrirmos quem somos em meio a um turbilhão de outras tantas individualidades forjadas pela relação e interação dos sujeitos. Em meio a essa realidade estão os educadores, com a “missão” de educar para vida.

2 Ação com sentido: educação

O Neuro Psiquiatra Viktor Frankl, em sua obra *Em busca de sentido* declara que “o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida” sendo que “o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo e não dentro da pessoa”.

A transitoriedade da nossa existência de forma alguma lhe tira o sentido. No entanto ela constitui nossa responsabilidade, porque tudo depende de nos conscientizarmos das possibilidades essencialmente transitórias. O ser humano esta constantemente fazendo uma opção diante da massa de potencialidades presentes; quais delas serão condenadas ao não ser e quais serão concretizadas? Qual opção se tornará realidade de uma vez para sempre imortal como “pegadas nas areias do tempo”? A todo e qualquer momento, a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência (FRANKL, 2013, p.144).

Para Becker (2011, p.52) a construção da ação e a tomada de consciência se constitui a partir daquilo que o sujeito retira de sua ação, isto é, “o sujeito constitui como sujeito na medida em que se apropria de suas ações, de seus mecanismos íntimos, ele constitui sua subjetividade”.

De acordo com Piaget (1977) a tomada de consciência parte dos resultados exteriores da ação, isso significa dizer que o sujeito se constitui pela sua própria ação, que sua capacidade cognitiva se defini com a experiência, a partir da história individual de cada pessoa, a partir das interações realizadas por ela dentro da sociedade.

Assim como enfatizava Durkheim (1890, p.38) “o objetivo da educação é criar no aluno um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida”. Isso quer dizer que educar para a vida necessita que o conhecimento adquirido seja transformado em sabedoria, assim como este saber precisa ser incorporado para toda a vida (MORIN, 2011).

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e exclusão (MORIN, 2011, p.51).

Segundo Morin, para enfrentar as dificuldades da compreensão humana seria necessário, desde a escola primaria, que toda a percepção seja uma tradução reconstrutora pelo cérebro e que nenhum conhecimento possa dispensar interpretação, mostrando que a “aprendizagem da compreensão” e da lucidez nunca será concluída, assim como deve ser continuamente recomeçada. O aluno precisa estar consciente de que sua vida é uma

“aventura”, pois o destino humano uma incerteza irredutível, até na absoluta certeza, “que é da morte”, pois a data é ignorada. Dessa forma, todos precisam estar plenamente conscientes que fazem parte dessa “aventura da humanidade, que se lançou no desconhecido, em velocidade, de agora em diante, acelerada”. Para tanto se necessita de um ensino que ao invés de separar e isola as parte por um que distingue e une. (iden, p.63).

Contudo os problemas atuais vivenciados pela educação brasileira e o modelo educacional que esta em vigor que tem caráter profissionalizante, reduz o ensino em especialidades. O professor é um especialista em sua área e com isso a sua atuação como educador também se torna reduzida ou limitada, pois como este educador vai ensinar seu aluno unir as partes se ele próprio apenas aprendeu separar pequenas partes de um todo e nem se quer tem conhecimento do quebra cabeça por inteiro.

Os pontos essenciais da “missão ensinar” apontam para uma “missão” impossível, no atual estágio em que encontra-se organizada a estrutura educacional brasileira, isto porque, “onde não há amor, só problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio para os alunos. A missão supõe, evidentemente, a fé: fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. Portanto, é missão muito elevada e difícil, uma vez que supõe ao mesmo tempo, arte, fé e amor”, (MORIN, 2011, p.102).

Desta forma a educação, e aqui estamos falando da educação escolar, aparece com finalidade de ensinar o aluno a repensar aquilo que ele sabe, as informações que chegam até ele, assim como duvidar até mesmo das suas duvidas, pois este pode ser caminho para que os sujeitos aprendam a sobreviver na “aventura” que é viver em sociedade. Para tanto o desafio para educação como também para toda a sociedade fixa numa profunda reforma no modo de pensar e organizar o seu conhecimento. E para que seja possível esta mudança antes é necessário que a educação favoreça a curiosidade e desde cedo o a criança, o aluno, seja encorajado e instigado a interrogar e, por conseguinte orientado “para os problemas fundamentais da nossa própria condição e de nossa época”, (iden, p.22).

Desta forma ele construirá, a partir de sua vivencia, de sua percepção das partes que forma o todo, ou seja, das infinitas possibilidades de relações existentes na vida em sociedade a sua própria definição de mundo. Além disso, no momento em que torna-se consciente de que vive uma vida transitória, efêmera, tem condições de buscar pelas possibilidades que o momento oferece, pois necessita fazer opções frente as potencialidades do momento. Contudo para que isso seja concretizado, precisa ser instruído e saber que é de partes que se forma o todo, mas que se olhar para elas separadamente poderá não encontrar sentido para a sua

concretude, sendo que encontram-se em constante transformação, a cada momento renovam-se e redefinem-se.

Conclusão

Considero assim com Morin, o qual segue as indicações de Pascal, que é “impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer as partes”. Pois a fragmentação do conhecimento esconde as relações e as interações entre as partes e com isso o complexo formado pelas interações entre os sujeitos e o mundo material torna-se obscurecido e desta forma informações essenciais para a construção de uma consciência plena acabam ocultas anulando inúmeras possibilidades de entendimento.

Neste sentido percebemos que a educação precisa reformular suas praticas, contudo a mudança precisa acontecer nas pessoas, logo, na cabeça dos profissionais, uma vez que para educar para a vida é preciso, como propõe Morin ligar o que esta desajustado.

Referencias

ARROYO, Miguel. Trabalho- Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Crise do Trabalho: Perspectivas de Final de Século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a Sociologia. Rio de Janeiro Zahar, 2010.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e aprendizagem escolar**. Porto Alegre. Artmed, 2003.

_____. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre. Penso, 2012.

DURKHEIM. Emmili. **Évolution pédagogique em France**, PUF, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1970.

FRANKL, Viktor. Em busca de sentido. Petropolis:Vozes, 2008.

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, archaeology, art and architecture**. London and New York: Routledge, 2013. 176p.

_____. Pare, olhe, escute: visão, audição e movimento humano. **Revista do núcleo de Antropologia Urbana da USP**. São Paulo, Ano 2, versão 3.0, 2008. Versão eletrônica.

Disponível em: < <http://www.n-a-u.org/pontourbe03/timingold.html#0>> Acesso em: 5 out. 2013.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/6777/4943>>. Acesso em: 5 out. 2013.

MEAD, George Herbert. **Selected Writing**. Chicago. University of Chicago Press, 1964.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: pesar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2011.

PIAGET, J; INHELDER, B (1959). **Gênese das estruturas lógicas elementares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento**. Petrópolis. Vozes. 1959